

**História do jornalismo no Rio Grande do Norte:
Úrsula Garcia, a primeira jornalista?**

*History of journalism in Rio Grande do Norte:
Úrsula Garcia, the first female journalist?*

Gustavo SOBRAL¹
Juliana BULHÕES²

Resumo

Úrsula Garcia (1865-1905), nascida em Aracati-CE, poeta, cronista, contista e romancista, foi apontada por Câmara Cascudo (1977, 1999) como a primeira jornalista do Rio Grande do Norte. Por meio desse estudo de caso, os autores se propõem a fazer uma reconstrução histórica (ROMANCINI, 2010) sobre a jornalista e uma leitura do jornalismo produzido no final do século XIX, a partir dos exemplares remanescentes do jornal Rio Grande do Norte (1891-1896). Para tal, discorrem sobre a imprensa feminina da época, traçam uma biografia de Úrsula, refletem sobre sua produção literária e seu trabalho como jornalista, fazem uma contextualização do jornal Rio Grande do Norte e refletem sobre a contribuição de Úrsula no periódico político.

Palavras-chave: Jornalismo. História do Jornalismo. Jornalismo potiguar. Jornal Rio Grande do Norte. Úrsula Garcia.

Abstract

Úrsula Garcia (1865-1905), born in Aracati-CE, poet, columnist, short story writer and novelist, was appointed by Câmara Cascudo (1977, 1999) as the first journalist in Rio Grande do Norte. Through this case study, the authors propose to carry out a historical reconstruction (ROMANCINI, 2010) about the journalist and a reading of the journalism produced at the end of the 19th century, based on the remaining copies of the newspaper Rio Grande do Norte (1891-1896). To this end, they discuss the female press at the time, outline a biography of Úrsula, reflect on her literary production and her work as a journalist, contextualize the Rio Grande do Norte newspaper and reflect on Úrsula's contribution in the political journal.

Keywords: Journalism. History of Journalism. Potiguar journalism. Newspaper Rio Grande do Norte. Úrsula Garcia.

¹Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM-UFRN).
E-mail: gustavo@gustavosobral.com.br

²Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (FAC-UnB). Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pesquisadora da Fundação de Amparo e Promoção da Ciência, Tecnologia e Inovação do RN (FAPERN). E-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com

Introdução

A história do jornalismo é a história dos jornalistas e das jornalistas, duas vertentes que ainda carecem de mais estudos aprofundados e investigações mais diversas, tanto no que concerne à seara do jornalismo, no campo da comunicação; quanto no que tange aos estudos históricos, no campo da história.

Em se tratando do Rio Grande do Norte, a história do jornalismo local e dos seus protagonistas ainda precisa ser contada. E parte desta história se confunde com a história da considerada primeira mulher jornalista do Estado, Úrsula Garcia, tema deste artigo.

Artigo que é também o desdobramento do interesse dos autores pelo estudo da história do jornalismo que teve início, em 2016, com um levantamento sobre biografias, autobiografias e memórias de jornalistas brasileiros (BULHÕES; SOBRAL, 2016), e que seguiu adiante contribuindo para as pesquisas em história do jornalismo, biografia e crônica.

Pari passu, os autores começaram um trabalho de registro memorialístico acerca do jornalismo no Rio Grande do Norte a partir da coleta de depoimentos de jornalistas locais que resultou na publicação do livro Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte (SOBRAL; BULHÕES, 2018).

Procederam com um levantamento, iniciado em 2021, ainda inédito, que trata da história do jornalismo no Rio Grande do Norte, acerca de obras publicadas sobre o assunto. Uma história que começa a ser contada a partir da catalogação dos jornais com a publicação de Fernandes (1908).

Constataram que os estudos sobre a história do jornalismo do Rio Grande do Norte ainda são produções tímidas, espaçadas e permeada por hiatos e, em se tratando da história das mulheres jornalistas, há apenas alguns poucos trabalhos publicados.

Resta, ainda, inédito, um registro dos autores acerca da história do jornalismo de mulheres jornalistas do Rio Grande do Norte, no período de 1970 aos anos 2010, a que se propuseram reunindo depoimentos de sete jornalistas mulheres, obra ainda a ser publicada.

A par das pesquisas acerca do jornalismo se concentraram, atualmente, em revistas acadêmicas e apresentações em congressos, em temas contemporâneos voltados para as práticas e o discurso do jornalismo digital, sobretudo, os autores tentam remar

contra a corrente e procuram desenhar, como se vê, um trabalho de pesquisa que recupera a história do jornalismo no Brasil e no Rio Grande do Norte.

Um desafio. Inclusive, já está na hora destes espaços romperem um pouco com os cânones e com o *modus operandi* posto e incorporar seções dedicadas à história e à memória sobre o jornalismo, contribuindo assim, não só para o registro da própria história, mas também para a reflexão sobre as suas práticas, formas etc., a partir do conhecimento do passado, abrindo espaço para além do imediato dos temas contemporâneos.

Considerando que a pesquisa, hoje, superou os modelos e arcabouços postos da ciência positivista que imperou até o século XX, os autores acreditam que estão conseguindo vencer barreiras ao propor novas formas narrativas e de abordagem como o fazem na proposta deste trabalho.

Os autores ainda acreditam que este artigo sobre a pretensa primeira jornalista do Rio Grande do Norte, Úrsula Garcia, é uma contribuição para o campo do jornalismo e para os estudos históricos e o traçaram, sobretudo, em pesquisa nos jornais, fonte essencial.

A proposta é fazer uma reconstrução histórica sobre a jornalista e uma leitura do jornalismo produzido no final do século XIX, a partir dos exemplares remanescentes do jornal Rio Grande do Norte. E, assim, procuram tornar acessível e trazer à tona temas que não estão na ordem do dia.

Segundo Romancini (2010), os campos de pesquisa da História e do Jornalismo estão profundamente ligados, e quando vamos para a seara metodológica temos que refletir sobre como proceder com investigações sobre a história da imprensa e como ter o jornal como fonte nas reconstruções históricas. Para o autor, o pesquisador “tem a obrigação de expor com a máxima clareza suas fontes (de modo a permitir, se possível, que outros consultem-nas)” (ROMANCINI, 2010, p. 40).

Assim, durante esse estudo de caso, no qual foi realizada uma reconstrução histórica da figura de Úrsula Garcia enquanto jornalista, todas as fontes consultadas foram mencionadas, tanto as que trouxeram quanto as que não trouxeram resultados diretos.

A imprensa feminina

A imprensa feminina, segundo a pesquisadora Duarte (2016), é resultado da conquista pelas mulheres de direitos à educação e à profissão, no que redundou a participação ativa na imprensa como direito de expressão e opinião e nasce atrelada à literatura.

Conforme a autora, o direito à leitura levou ao direito à escrita e à crítica, e os jornais e revistas foram espaço de voz para as mulheres. No século XIX, surgiram os primeiros jornais dedicados às mulheres e produzidos por mulheres. Nísia Floresta publicou o seu primeiro artigo em *O Espelho das Brasileiras*, do Recife, em 1831.

Enquanto as demais províncias Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, já tinham prelo e jornais, no Rio Grande do Norte, o primeiro jornal da província, *O Natalense*, só aparece em 1832.

O Natalense, por falta de prelo e tipógrafo, foi impresso nas províncias vizinhas, para só depois e de fato ter oficina própria em Natal. Isso se deu até 1837, quando o jornal foi extinto e, em 1842, quando a tipografia teve fim.

A província do Rio Grande voltou ao status de não ter tipografia e os jornais impressos fora. Até o final do século XIX, nasceram e morreram inúmeros jornais no Rio Grande do Norte. O levantamento de Luiz Fernandes pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, realizado em 1908, são prova do tanto que existiu.

Dentre eles, jornais temáticos destinados às mulheres, só que redigidos por homens, começaram a aparecer. O primeiro jornal feminino editado no Rio Grande do Norte, *o Primavera*, é de 1875.

Primavera dizia-se no subtítulo “pequeno”, “literário” e “recreativo”. Publicava poemas e acontecimentos políticos e sociais entre outros assuntos no campo dos bailes, do vestuário e da comida. Impresso na Tipografia Assuense, duas vezes por mês, vendido a mil réis a assinatura de dez números e o redator: Custódio L. R. d’A. Durou um ano. Outro jornal feminino no Rio Grande do Norte, e do mesmo ano do *Primavera*, foi *O Íris* (1875-1876), de vida curta, bimensal, para as mulheres, e redigido também por um homem, Joaquim Fagundes.

Quanto à presença de uma figura feminina pelos jornais do Rio Grande do Norte, aparece a escritora Isabel Gondim, colaborando com *O Recreio*, jornal literário, em 1861. Jornal que só durou um ano e 25 números. Em *O Recreio*, Isabel Gondim publicou

charadas e nada que se pudesse considerar jornalismo ao se entender que jornalista no século XIX era aquele que atuava como redator do jornal e escrevia artigo de opinião. O que parece que foi o que Úrsula Garcia fez, como se verá neste artigo. Coube a Úrsula Garcia, poeta, cronista, contista e romancista, ser a pioneira jornalista do Rio Grande do Norte, conforme Cascudo (1977):

Úrsula Garcia escreveu muito artigo de fundo, muita crônica sacudida, muito *suelto* crítico, comentados como sendo dos primeiros jornalistas da cidade. Só a família e os mais íntimos sabiam quem era a verdadeira origem dessa prosa percuciente e clara que a todos encantava (CASCUDO, 1977, p. 81).

Diante deste contexto, em que surgem jornais dedicados às mulheres e em que há, *a priori*, uma presença tímida das mulheres colaborando com os jornais, está a história de Úrsula Garcia e a sua pretensa e breve produção jornalística que se pretende abordar neste artigo.

Úrsula Garcia

Úrsula da Costa Barros de Amorim Garcia, Úrsula Garcia, nasce em 03 de março de 1865, em Aracati (CE), filha de Francisco Amintas da Costa Barros, juiz e político, e Rita Garcia da Costa Barros. É possível recuperar seus dados biográficos tanto na sua obra poética e em prosa, uma fonte documental importante, espalhada pelos jornais e revistas com os quais colaborou; quanto, em notas, notícias e artigos que saíram na imprensa sobre ela.

Também é possível alcançar a sua trajetória de vida a partir dos dados biográficos do seu pai e do seu marido, pois no século XIX, na condição de filha, as mulheres acompanham os pais; e na condição de esposa, o marido. O pai de Úrsula Garcia, Francisco Amintas da Costa Barros, nascido em Aracati em 21 de novembro de 1841, e bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, em 1863, exerceu a magistratura no Ceará e Alagoas e, em Alagoas, também foi chefe de polícia.

A vinda da família para o Rio Grande do Norte começa por São José do Mipibu em 1868, quando Amintas Barros ocupa o cargo de promotor público e, no ano seguinte, é procurador fiscal da Tesouraria Provincial, de 1869 até 1871. Em 1873, está em Natal, nomeado juiz municipal; em 1875 até 1885 é juiz na comarca de Pau dos Ferros. Em 1887, acredita-se que já esteja em Natal, pois era o 1º vice-presidente da província do Rio

Grande do Norte e assumiu a presidência interinamente por duas vezes, de 10 de agosto a 14 de outubro de 1888; e de 15 de junho a 18 de junho de 1889.

Veio à República em 1889 e Amintas Barros permaneceu instalado em Natal na função de Secretário de Justiça do primeiro governo republicano no Rio Grande do Norte e foi presidente do Estado entre 2 de março e 13 de junho de 1891. Amintas Barros, que faleceria em Natal em 22 de fevereiro de 1899, era, portanto, uma figura de destaque, com atuação e carreira no judiciário e na política, ocupando diversos cargos públicos e, por sua condição de letrado e ocupante de cargos públicos, acredita-se que teve condições de prover a Úrsula o acesso à educação formal.

Sobre a formação educacional de Úrsula Garcia nada sabemos, se frequentou escola ou foi alfabetizada em casa. Mas é certo que houve um incentivo, sobretudo, do pai, em um tempo que a educação feminina era vista como uma educação para o lar e para a família. Úrsula Garcia, ao que parece, o tinha por um exemplo, pois, em um dos seus poemas, “Os olhos que eu amei”, registra: “Quando eu entrei na vida, era meu guia/ O olhar sereno e firme de meu pai;/Quando esse olhar suave sorria/ Eu era tão feliz! Pois traduzia/ – Prossegue! Amo-te muito! Filha, vai!”.

A oportunidade, rara, de ter acesso à educação formal e à leitura, e o possível incentivo para desenvolver os seus pendores literários, fez de Úrsula Garcia uma participante na vida ativa dos círculos sociais da cidade do Natal, onde residiu. É o que comenta Cascudo:

Úrsula Barros era uma das moças mais admiradas da cidade. Fazia versos líricos, recitava-os ao som langue da Dalida, nas festas familiares, cantava modinhas sentimentais. Era magrinha, ágil, morena clara, cintura de abelha, uma face pensativa iluminada por dois grandes olhos cismarentos. Vivia entre as prateleiras do escritório paterno, secretaria do magistrado, sempre lendo. Diziam-na excepcionalmente culta, preparada, como se usava explicar (CASCUDO, 1977, p. 81).

Esta primeira temporada de Úrsula Garcia em Natal durou até o casamento. Ela se casa na Igreja Bom Jesus das Dores, em 05 de dezembro de 1887, com José Alexandre de Amorim Garcia, seu primo, e naquele mesmo ano deixa a cidade. Quando casaram, José Alexandre era promotor público de Natal, mas devido ao seu sogro, o pai de Úrsula, ser Juiz de Direito de Natal, por incompatibilidade em razão do parentesco, José Alexandre foi transferido para Nova Cruz.

Úrsula Garcia segue acompanhando o marido que, promotor público em Natal, é transferido para Nova Cruz (1887-1889); depois, em 1889, Juiz Municipal de Canguaretama; e, em setembro de 1890, Juiz de Direito de Santana do Matos. No entanto o casamento foi breve, pois ele faleceu em 09 de maio de 1891. A causa da morte supostamente foi varíola, a mesma que acometeria Úrsula quatorze anos depois. O casal não teve filhos. Segundo A.A, em Notas, no jornal Diário de Pernambuco, edição de 1 de agosto de 1905, a “maviosa poetiza”:

(...) esposa de um magistrado, o dr. José Alexandre de Amorim Garcia, que bem cedo deixou-a envolta no manto negro da viuvez, ela conhecia, estou informado hoje, os segredos dos códigos e das leis e compartilhava com o marido o estudo dos autos e aplicação do direito.

Em carta à amiga Francisca Izidora Gonçalves da Rocha (1855-1918), poeta, jornalista, cronista, tradutora, escritora e conferencista, datada de 28 de outubro de 1903, e publicada no Jornal do Recife em 12 de outubro de 1906, Úrsula Garcia fala da ausência do marido morto:

(...) nunca seria o equivalente do bem que perdi! Nunca um triunfo, por maior que fosse, me daria a delícia de um rápido beijo como... os que nunca mais sentirei! Não se devia amar, não é verdade? Eu penso que só se ama deveras uma vez... Pelo menos amei esse primo com quem casei; Amei-o desde criança! Concentrando nele todas as espécies de afeição – paixão, ternura, dedicação, estima, entusiasmo, carinho – como se eu lhe fosse filha, esposa e mãe, até! Por isso ainda amo a sua memória, porque ele era um desses raros entes quase perfeitos – filosófica e moralmente que Deus manda ao mundo; e soube deixar uma memória imaculada e luminosa, pois não tenho sequer dele uma recordação menos agradável! Perdoa-me falar-te nele! Tenho ainda o coração tão cheio dele! E não tenho muitas ocasiões de experimentar esse gozo agridoce de recorda-lo efusivamente, falando a seu respeito.

Úrsula Garcia era, portanto, uma escritora e uma intelectual ativa versada em um conhecimento livresco a que teve acesso a partir das suas relações familiares, em acesso à biblioteca do pai e do marido, em um processo de troca de conhecimento, um constante diálogo, inclusive, auxiliando ao marido em suas lides jurídicas.

Se Úrsula Garcia acompanhou o pai e depois o marido, foi, como visto, uma eterna andante. Acredita-se que, viúva, tenha fixado residência em Natal, junto aos pais, tendo em vista que em 1891 começa a colaborar com o jornal do pai, o Rio Grande do Norte, que circulou no estado em um período que vai de 1891 a 1896.

No entanto, por razões não sabidas, em 1901 Úrsula Garcia muda-se para o Recife, onde passa a colaborar com a revista mensal O Lyrio, que tinha como redatora-chefe Amélia Freias Beviláqua, esposa do jurista Clóvis Beviláqua. Em 1903 exerceu na revista as funções de editora e secretária. No Recife, Úrsula Garcia também colaborou com o Correio do Recife e A Vitória e publicou romances e poesia, o que demonstra uma intensa e profícua produção literária pelos jornais.

Garcia, ainda no Recife, participa como sócia fundadora da Oficina Martins Júnior, frequenta a Livraria Silveira e priva da companhia de outros intelectuais conforme nos informa O Diário de Pernambuco de 29 de setembro de 1903. Inclusive, após o falecimento de Garcia, a Sociedade Literária Martins Júnior reuniu-se no Instituto Arqueológico para homenageá-la. Na ocasião, a amiga Francisca Izidora pronunciou uma conferência em honra à falecida, publicada no Jornal do Recife em 12 de outubro de 1906.

A Academia de Letras e o Instituto se fizeram representar. Também se fez ouvir a banda da polícia, cedida pelo governador do estado. A conferência teve duração de 35 minutos, e todas estas informações estão na nota “Vida Literária”, publicada pelo Diário de Pernambuco em 23 de setembro de 1906.

Úrsula Garcia faleceu em 26 de julho de 1905, no Recife, aos 41 anos de idade, vítima de varíola hemorrágica. O Diário de Pernambuco, datado de 27 de julho de 1905, sob o título de Desaparecidos, noticia a morte de Úrsula Garcia: “O enterro efetuou-se às 11 horas da manhã, saindo o féretro da casa à rua da Glória, n. 82, onde se deu o traspasse que veio causar manifestações de geral sentimento”.

Consta em A Província, edição de 27 de julho de 1905, que foi sepultada às 11 horas da manhã no cemitério de Santo Amaro. Informa Cascudo que “Úrsula Garcia pedira que seus ossos fossem trasladados para Natal, onde o marido fora sepultado” (CASCUDO, 1977, p. 81). E acrescenta:

Quem for à Igreja Bom Jesus das Dores da Ribeira, na parede à esquerda do corrimão que leva ao coro, verá uma simples lápide em mármore com estes dizeres: Descanso eterno dos restos mortais do Bel. José Alexandre de Amorim Garcia e de sua esposa Úrsula Barros de Amorim Garcia (CASCUDO, 1977, p. 81).

Sobre a personalidade da poeta e jornalista, há um documento rico, a conferência em homenagem a Úrsula Garcia proferida pela amiga Francisca Izidora, que se dizia

íntima e confidante, e publicada na íntegra no Jornal do Recife, edição de 12 de outubro de 1906. Escreve Izidora:

Numa visão telepática vejo-a de novo em seu tépido salão da rua da Glória n. 82, cercada de livros e de retratos de sua família, formando todos eles um conjunto agradável sobre a sua escrivantina, e na parte fronteira, em grande moldura dourada, o retrato do seu finado companheiro, colocado entre dois etageres, onde ela conservava sempre ramalhetes de flores naturais, cujo perfume concentrava-se nessa relíquia como a essência das rosas do Oriente que não se evapora mais da ambrula de cristal, onde encerrou-se!

Izidora aponta ainda que Úrsula Garcia mantinha conversações interessantes, maneiras afáveis, jovialidade séria e sensata, perfil delicado, feições animadas de vida, rosto moreno pálido, olhos negros e brilhantes que denunciavam profundo pesar e ainda escreve:

Vejo-a nitidamente no seu traje habitual, um palitot frouxo, à tailleur, o peitilho alvo de açucena, dando-lhe ao busto uma expressão singular, tão cheia de encantos, e ao mesmo tempo varonil e enérgica, fazendo pensar numa dessas ousadas amazonas na carreira vertiginosa através das montanhas e dos vales, detendo-se em cada intermitência para contemplar uma paisagem agreste ou colher no tronco decepado a parasita viçosa, prendendo-a docemente à lapela num gesto apaixonado de touriste, numa graça faceira de mulher bonita!

Apreciações sobre a escritora

Pactuando que aquela que primeiro falecesse, escreveria sobre a outra, a escritora brasileira Ignez Sabino Pinho Maia (1853-1911), em um artigo no Jornal do Recife, na edição de 14 de dezembro 1905, em homenagem a amiga falecida assim se expressou:

Era uma intelectual, sem possuir grande sabedoria por ser a sua intuição literária, natural e sentida. Uma ocasião, respondendo uma carta minha, expandiu-se. “Os livros são caros e o meio acanhado”. É fato que nos Estados tudo é difícil, salvo, para quem tem dinheiro, por não ter o recurso das bibliotecas aqui do Rio, frequentadas por algumas senhoras. Gostava dos seus contos, gênero, aliás, difícil no qual empregava observações e dava-lhe o cunho moderno dos artistas de agora sem exageros de frases, descendo ao coração humano, como numa psicologia habituada a ver misérias e nobreza de sentimento e ações.

Ignez Sabino tece considerações sobre o trabalho poético de Úrsula Garcia no mesmo documento: “como poetiza ela não era destas que raramente fazem pasmar a humanidade; mas lia-se seus versos como quem toma refresco e fica satisfeito”. E para

finalizar, escreveu: “(...) a patricia ilustre que continuar o meu modesto Pantheon ‘Mulheres Ilustres do Brazil’, formará de flores uma grinalda soberba e ornará com ela o nome de Úrsula Garcia, como uma das melhores e originais escritoras nortistas, simples, elegante e fina”.

Izidora é da mesma opinião e expõe Úrsula Garcia como parte do círculo literário da sociedade pernambucana, publicando seus escritos “à proporção que iam saindo ainda úmidos da imprensa, e que a imprensa em sua marcha civilizadora espalhava pelas multidões”, segundo a publicação no Jornal do Recife, edição de 12 de outubro de 1906. Assim, pelo testemunho das contemporâneas, na dada emoção desperta pelo falecimento da amiga literata, ambas as escritoras se pronunciam sobre a produção literária de Úrsula Garcia e as suas qualidades literárias.

Outro aspecto interessante de se denotar é a pretensa rede de contatos que estas mulheres escritoras formaram no começo do século XX e da qual Garcia, pelo visto, fez parte. Uma rede que ultrapassa as fronteiras dos estados e à qual Garcia estava íntegra.

Uma produção literária perdida?

Úrsula Garcia, ao que consta, foi uma autora prolífica, tendo participado ativamente da vida social e cultural tanto em Natal, quanto no Recife, onde viveu. Acreditava-se, portanto, que as bibliotecas públicas e literárias destas cidades abrigavam as obras literárias publicadas pela autora. O acesso a estas publicações se torna importante, pois permitiriam não só conhecer o conteúdo dos seus livros, mas também apreender o estilo e ter acesso a informações biográficas e autorais complementares.

Tendo em vista que em apresentações, prefácios e orelhas, sempre há comentários sobre autor e obra e, como era prática, há sempre uma possível lista de obras publicadas e no prelo, tornando imperiosa a consulta a esta produção. Em busca dos livros mencionados como de autoria de Úrsula Garcia, quais sejam, Livro de Bela (1901), Romance de Áurea (1904) e O livro da Saudade (s/d), os catálogos online das duas bibliotecas brasileiras de maior destaque no Brasil foram consultados: o da Biblioteca Nacional e o da Academia Brasileira de Letras. Infelizmente, nada consta.

No Rio Grande do Norte, o catálogo online da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte nada apresenta e, consultada, a biblioteca da Academia Norte-rio-grandense de Letras informou que nada consta. A biblioteca do

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte informa que nada consta e a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, no mesmo estado, segundo a bibliotecária responsável, informa que não há os livros mencionados no acervo.

Tendo em vista que Úrsula Garcia residiu no Recife entre 1901 e 1905, ano de sua morte, a Biblioteca Blanche Knopf da Fundação Joaquim Nabuco e a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco foram consultadas e nada consta. O Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano informou da inexistência de quaisquer livros de Úrsula Garcia em seu acervo; e a Academia Pernambucana de Letras informou que não há na biblioteca nenhum livro da escritora. Todas as consultas foram realizadas no segundo semestre de 2022. Úrsula Garcia resta, portanto, como uma autora de uma obra literária desaparecida.

Jornalista

É Cascudo quem aponta que Úrsula Garcia atuou como cronista e articulista do jornal Rio Grande do Norte:

Em 1890, circulou o Rio Grande do Norte, com Antonio de Amorim Garcia, que deixara a Gazeta do Natal, seu irmão José Gervásio e o dr. Francisco Amintas da Costa Barros, cunhado, juiz de Direito da capital, antigo político, tendo assumido a presidência provincial na monarquia e assumiria no regime republicano. O jornal era bem feito e com a colaboração melhor. Uma jornalista desta tese é Úrsula Barros, depois que se casou, Úrsula Garcia, filha de Amintas, poetisa acima do regular (CASCUDO, 1999, p. 333).

Em outra oportunidade, Cascudo (1977) expõe, em artigo sobre a jornalista, as colaborações dela com o jornal:

Úrsula Garcia escreveu muito artigo de fundo, muita crônica sacudida, muito *suelto crítico*, comentados como sendo dos primeiros jornalistas da cidade. Só a família e os mais íntimos sabiam quem era a verdadeira origem dessa prosa percuciente e clara que a todos encantava. (CASCUDO, 1977, p. 82).

Cascudo chega a afirmar, em comentários citados por Edwiges de Sá Pereira (1971), educadora, jornalista, poetisa e ativista feminista pernambucana, que:

Diversos artigos de política regional, divulgados sem assinatura, eram dados como pertencentes a ela, tal a graça do remoque, a delicadeza do

estilo, a finura dos reparos e a força convincente da argumentação poderosa (PEREIRA, 1971, p. 510).

A amiga Francisca Izidora, no artigo “D. Úrsula Garcia”, publicado no Diário de Pernambuco, edição de 3 de setembro de 1905, registra e informa que Úrsula Garcia foi colaboradora do Diário de Natal e que publicou “crônicas políticas, humorísticas, paródias e versos” não assinados.

O acervo do Diário de Natal está indisponível para consulta e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional só constam edições a partir dos anos 1940. Mas é possível encontrar alguns exemplares do Rio Grande do Norte no acervo da Biblioteca Nacional, tendo estes sido consultados.

O jornal Rio Grande do Norte

Na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional encontram-se exemplares do jornal Rio Grande do Norte (1891-1896) referentes aos anos de 1891 e 1892, perfazendo um total de 85 números, entre 6 de janeiro de 1891 e 20 de dezembro de 1892. A consulta permite conhecer o que há na publicação referente a “artigos de política regional” que menciona Cascudo e as crônicas políticas, humorísticas, paródias e versos a que se refere Izidora e que provavelmente podem ser atribuídos a Úrsula Garcia.

É certo que os jornais se faziam muito mais por notas e artigos, numa concepção diferente da contemporânea em que jornalismo é composto boa parte pelo factual representado pela notícia e pela reportagem. O pouco mais que se sabe sobre o jornal deve-se ao trabalho de Fernandes (1908) e Cascudo (1999). Segundo Fernandes, Rio Grande do Norte era um jornal político.

Os responsáveis pelos jornais eram chamados redatores, que apareciam na primeira página junto ao título e data. Os redatores do Rio Grande do Norte só apareceram registrados a partir da edição 106, datada de 20 de fevereiro de 1892, e são eles: A. de Amorim Garcia, Amintas Barros e José Gervásio. O escritório funcionou primeiramente numa tipografia à rua Tarquínio de Souza, 30, em Natal, e publicava-se nos dias 2, 8, 14, 20 e 26 de cada mês, distribuindo seu 1º número em 21 de abril de 1890.

O jornal mudou-se nos últimos anos para a rua Visconde do Uruguai, saindo nos dias 1º, 7, 14, 19 e 25 de cada mês. Chegou ao fim em 1896. E nada mais se sabe sobre o

jornal, a não ser o que encontramos nas edições remanescentes na Biblioteca Nacional, anos 1891 e 1892.

O jornal Rio Grande do Norte possuía quatro páginas, o conteúdo arranjava-se em cinco colunas por página. As assinaturas para a capital e interior custavam por ano 5\$000; 3\$000 o semestre; e a edição avulsa 100 rs. Em 14 de dezembro de 1892, foi obrigado a elevar o preço da assinatura em 1\$000, justificando aos leitores, na primeira página, que infelizmente o fazia em razão do aumento dos preços de material tipográfico.

O jornal apregoava-se "órgão republicano" e aceitava gratuitamente "artigos sobre assuntos de utilidade pública" e provavelmente tinha um alcance para além da capital, Natal, onde era impresso. Uma pequena nota intitulada "O nosso jornal", publicada na primeira página da edição 115, datada de 14 de abril de 1892, faz o registro da circulação. É certo que era prática os jornais exaltarem o seu prestígio junto aos leitores.

Naquela edição, o jornal comunicava o aumento da procura por números avulsos e por assinaturas, inclusive, em Mossoró, Goianinha, Macaíba, Santana do Matos, Martins e Canguaretama, totalizando um número de 22 novos assinantes. Qual era o conteúdo do jornal? Artigos, notas e comunicados diversos, referentes a eventos religiosos, missas, festas, natalícios, casamentos, falecimentos, necrológios; as chegadas e partidas dos ilustres da cidade; agradecimentos, protestos, avisos e erratas. Informes do judiciário; resoluções, decretos, expedientes e indultos do governo federal; editais; atos oficiais e despachos do governo estadual; mensagens e telegramas.

Há também folhetins em tradução livre e tradução de crônicas e artigos de autores estrangeiros, poesia, prosa e até piadas. O jornal trazia o preço dos gêneros alimentícios e o horário dos trens, o movimento do porto e anúncios do comércio e de prestação de serviços. É em resumo o que apareceu nas edições disponíveis entre os anos de 1891 e 1892. É preciso esclarecer que esta listagem é um apanhado, não havia obrigatoriedade de que em cada edição todos estes conteúdos estivessem presentes.

Política regional e crônica política

Mas o que escreveu Úrsula Garcia para o Rio Grande do Norte? Segundo Cascudo e Izidora, artigos de política regional, artigo de fundo, crônica, crônica política, ou seja, Úrsula Garcia escreveu textos sobre política local para o jornal; anunciam que era autora

de sueltos, que são pequenos comentários jornalísticos sobre o assunto do dia; crônicas humorísticas, paródias e poesias.

Não foi identificado sequer um texto assinado por Úrsula Garcia nas edições disponíveis referentes aos anos de 1891 e 1892, o que era de se esperar, pois os textos em sua maioria não eram assinados; e nem sequer uma menção ao seu nome, seja para registro de aniversário, viagem etc., como era comum à época.

Entre os textos assinados encontram-se sob o pseudônimo “Extr” em textos com temas que curiosamente se identificam com a produção em prosa de Úrsula Garcia explorados posteriormente nos jornais pernambucanos, a condição da mulher, o casamento, o tema da morte. São textos veiculados na “coluna lírica” no ano de 1891 e com uma temática relacionada à mulher, ao casamento e às questões amorosas: “A mulher” (edição 67); “Maria e a morte” (68); “A verdadeira riqueza” (73); “Como nos casamos” (74); e “O primeiro amante” (76).

Seriam estas as tais crônicas de autoria de Garcia? Talvez; não se pode afirmar. E quanto aos artigos de política regional? A partir da edição 106, ano de 1892, o jornal começa com uma seção de abertura intitulada “Rio Grande do Norte”, apresentando um artigo de opinião. Seria este um dos tais artigos de “política regional” escritos por Garcia? Pode ser. Eis o teor do tom e da forma dos artigos políticos, o título é “Perseguiremos”, edição 136, 26 de agosto de 1892:

Apesar de todos os obstáculos, de todas as dificuldades, prosseguimos na missão, ou antes na inglória tarefa de pôr patente o descalabro que vai por este Estado com a infeliz e nefasta administração do sr. Pedro Velho, que cercado por um corrilho, que lhe dita os atos, pretende tudo avassalar.

E quanto aos sueltos, as paródias, e os versos? Há diversos espalhados pelas edições consultadas do jornal, como este, intitulado “Flauteio” dedicado a Pedro Velho na edição 150, datada de 19 de novembro de 1892, do qual se reproduz os quatro primeiros versos: “Com o tal assombramento/ Pedro cru com riscado/ Seu governo é desastrado – / Com o tal assombramento;/ sua vida é um tormento (...)”.

E que retorna na edição seguinte, 151, de 25 de novembro de 1892, desta vez solicitando a “doutor Souza” socorro a Pedro Velho, com o mesmo título, a quadra da segunda estrofe: “Doutor Souza, vá depressa/ defender Pedro visão/ Ele está abandonado/ Tenha dele compaixão (...)”.

Dessa forma, a leitura das edições do jornal disponíveis para consulta revela não só o que se considerava jornalismo no século XIX e a composição do jornal na divisão dos seus conteúdos, mas também, em se tratando da produção jornalística de Úrsula Garcia, permite encontrar inferências que podem chegar à sua autoria não revelada.

Considerações finais

Mesmo diante da reconstrução histórica aqui traçada, não é possível validar a produção jornalística de Úrsula Garcia pela assinatura, pois não era prática comum nos jornais da época, nem tampouco após a consulta às edições do jornal Rio Grande do Norte atribuir taxativamente a autoria. Por outro lado, é possível encontrar nas edições do jornal os tipos de texto que a ela foram atribuídos, sobrando às alegações de Cascudo e ao testemunho de Izidora a afirmação da atuação de Úrsula Garcia no jornalismo do Rio Grande do Norte.

Úrsula Garcia é, portanto, parte de um contexto de mudança e que pode e não deve ser vista como um caso isolado. Um contexto que marca o final do século XIX e o começo do século XX com a presença das mulheres nas letras, face o seu acesso à educação, que se tornou pública com a presença nos jornais, revistas e círculos literários.

Mulheres que começam a escrever, produzindo, em sua maioria, literatura, sobretudo poesia, e em jornais manuscritos, longe ainda do cenário político e da opinião, universo dos homens, que Garcia de forma anônima vai desbravar, o que a leva a ser considerada a primeira jornalista do Rio Grande do Norte.

Este trabalho não se esgota aqui, nem muito menos a temática, que pode e deve ser explorada com vistas a fortificar a história do jornalismo local, para só assim entendermos as configurações complexas da profissão de jornalista nos dias atuais.

Referências

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro. **Temática**, v. 12, p. 206-221, 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. Imprensa política. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. Úrsula Garcia. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **O livro das velhas figuras**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1977.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FERNANDES, Luiz. A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte de 1832-1908, Parte I – Notícia histórica. **Revista IHGRN**, vol. VI, nº 1 e 2, janeiro 1908, p. 3-136.

PEREIRA, Edwiges de Sá. **Mulheres do Brasil**. II Volume. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOBRAL, Gustavo Leite; BULHÕES, Juliana (Orgs.). **Memórias do Jornalismo no Rio Grande do Norte**. Natal: Caravela Selo Cultural, 2018.